

## Rosângela Oliveira Cruz Pimenta

Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL); mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco; professora associada do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Uma das líderes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino e Aprendizagem de Línguas e Linguagens (GREPEALL/UFRPE), membro do Grupo de Estudos Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas (GEDEALL/UFAL) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Didáticas de Leitura, da Literatura e da Escrita (GELLITE/UFAL). E-mail: rocpiment@yahoo.com.br e rosangela.pimenta@ufrpe.br; orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0530-8130>

## Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante

Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas; mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas; professora associada 2 da Universidade Federal de Alagoas. Atua como docente, no Programa de Mestrado e doutorado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação e no Programa de Mestrado e Doutorado em Linguística e Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Líder do grupo de pesquisa Políticas públicas: história e discurso e pesquisadora colaboradora do grupo de pesquisa Estudos do Discurso e Ontologia (GEDON). E-mail: mdoesaoc@gmail.com; orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9612-9375>.

Recebido em:  
28/10/2022

Aceito em:  
07/05/2023

MAI / JUL 2023  
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)  
ISSN 0103-6858  
P. 142-159

# Protestos de junho de 2013: o discurso da revista *Veja* na construção do golpe de 2016<sup>1</sup>

## June 2013 protests: *Veja* magazine's speech in the construction of the 2016 coup

### Rosângela Oliveira Cruz Pimenta

Universidade Federal de Alagoas

### Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante

Universidade Federal de Alagoas

#### RESUMO

Este artigo trata sobre a relação entre a imprensa brasileira e a construção do processo de *impeachment* de 2016. Nosso objeto de estudo são as reportagens sobre os protestos de junho de 2013 da revista *Veja*. Temos como objetivo mostrar como a revista analisada inaugura no imaginário popular uma relação entre as manifestações e o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Nosso referencial teórico são os estudos de Bakhtin/Volochinov (1999); Pêcheux (1990, 1999, 2009, 2011, 2013); Orlandi (1983, 1993, 1996, 2001, 2005, 2011); Bobbio (2011); Courtine (2006, 2009), entre outros. A análise permitiu-nos perceber que o discurso das reportagens da revista *Veja* é parcial, relacionando a insatisfação com o governo do PT aos protestos ocorridos em junho de 2013, contribuindo para fomentar um clima popular para o *impeachment*, por meio de um golpe político em 2016.

#### PALAVRAS-CHAVE

Discurso. Ideologia. Imprensa.

#### ABSTRACT

This article deals with the relationship between the Brazilian press and the construction of the 2016 impeachment process. Our object of study is the reports on the June 2013 protests by *Veja* magazine. We have like objective to show how the analyzed magazine inaugurates in the popular imagination a relationship between the demonstrations and the impeachment of President Dilma Rousseff. Our theoretical framework is the studies by Bakhtin / Volochinov (1999); Pêcheux (1990, 1999, 2009, 2011, 2013); Orlandi (1983, 1993, 1996, 2001, 2005, 2011), Bobbio (2011); Courtine (2006,2009), among

---

1 Esta pesquisa se iniciou em 2013, na sequência dos fatos narrados, em nível de doutoramento, no PPGLL/UFAL e foi defendida em outubro de 2016.

others. The analysis did not allow us to realize that the discourse by *Veja* magazine reports is partial, relating dissatisfaction with the PT government to the protests that occurred in June 2013, contributing to foster a popular climate for impeachment, through a political coup in 2016.

## KEYWORDS

Speech. Ideology. Press.

## 1. Considerações Iniciais

Este artigo intenta mostrar como a revista de opinião de maior circulação no Brasil, a *Veja*, conduziu sua primeira reportagem sobre as manifestações de rua de junho de 2013 para relacioná-las às insatisfações com o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), na segunda gestão da presidenta Dilma Rousseff, contribuindo para arquitetar um golpe político, que culminou no *impeachment* da presidenta, em 2016.

Veremos como o discurso da mídia atinge/afeta cada vez mais leitores pelo processo de identificação e superidentificação (BECK, 2012), através do sentido produzido pela reportagem, que se “oficializou”, se consolidou socialmente como a voz da verdade, colocando-se como estando “ao lado” do povo, do trabalhador, para manipulá-lo mais facilmente.

A justificativa para a seleção desta edição da revista não foi aleatória; ocorreu em função de ela ser a primeira, como já dissemos, a eleger os protestos como motivo de capa, matéria principal, trazendo uma reportagem extensa sobre o assunto. Vale salientar que seus leitores pertencem à classe média, média alta e alta, que formam a massa consumidora do nosso país e, por sua vez, também são formadores de opinião.

Para procedermos à análise dessa materialidade iremos observar as designações diversas dadas aos termos *protestos e manifestantes* durante a reportagem, assim como o contexto discursivo no qual tais termos aparecem.

A relevância deste estudo se justifica ao estabelecermos a relação entre mídia, discurso e sentidos, na qual o nosso trabalho se situa, com a pretensão de contribuirmos para analisar vários outros discursos veiculados pela mídia que escamoteiam seus verdadeiros objetivos de manipulação do leitor.

## 2. Enquadramento teórico

Nossa análise baseia-se nos pressupostos da Análise do Discurso (AD) pechêuxtiana, que trabalha com o real da interpretação.

Há vários tipos de real, diz Michel Pêcheux (1990). E o real com o qual trabalhamos é o real da interpretação. Que não se demonstra. Mostra-se. Topa-se com ele: é impossível de que não seja assim. Esta afirmação nos leva também a outras reflexões. Por exemplo, a de que trabalhamos nesta perspectiva, com a materialidade dos sentidos, e a dos gestos de interpretação. Gestos estes que intervêm no real dos sentidos, enquanto atos simbólicos com sua materialidade (ORLANDI, 2013, p. 3).

Ainda, segundo a referida autora, a interpretação caminha ao lado da ideologia, pois é através dela que vemos a ideologia funcionando:

[...] a interpretação é aberta e a significação sempre incompleta em seus processos de apreensão. Há ineditismo em cada análise, e isto faz a riqueza da análise de discurso, seu caráter aberto e dinâmico. O objeto da análise é inesgotável face à possibilidade da compreensão dos processos discursivos possíveis. Com a análise não se objetiva interpretar o objeto submetido a ela, mas compreendê-lo em seu modo de significar. Assim, a análise não é sobre um objeto propriamente, mas sobre o processo discursivo de que ele é parte. Como a análise de discurso, como dissemos, não é uma ciência exata é uma ciência da interpretação, ela não estaciona em uma interpretação, ela a interroga. Cabe ao analista, na elaboração de sua análise, e na explicitação de seus resultados, mostrar a eficácia de seus procedimentos e a consistência teórica com que a conduziu (ORLANDI, 2013, p. 4).

Nessa perspectiva, a AD faz uso da interpretação, que considera a ideologia, as Condições de Produção, os sujeitos, os efeitos de sentido, entre outros aspectos do discurso. Sobre a ideologia, Pêcheux em “Ousar pensar e ousar se revoltar: ideologia, Marxismo e luta de classes” (2013) faz uma reflexão, a partir do texto de Althusser (1983), “Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado”, sobre as relações entre a teoria marxista e a ideologia proletária, no seio do processo de revolução, o qual tem como componente a luta ideológica de classes. Neste texto, Pêcheux defende a tese de que não se pode pensar a ideologia sem levar em consideração o primado da luta de classes e que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” (PÊCHEUX, 2009, p. 82).

Orlandi (2005) afirma que a partir da relação sujeito/língua, Pêcheux pensa a ideologia como efeito dessa relação com a história para que haja sentido. Na verdade, para Pêcheux, é a ideologia que faz com que haja sujeitos, pois o “efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade” (ORLANDI, 2005, p. 48).

Para o Materialismo Histórico-Dialético, as transformações sociais se dão pela contradição entre as forças sociais. Elas produzem as transformações. A luta de classes, então, se constitui nesta contradição de forças na disputa pelo poder. São os sujeitos, na nossa sociedade, que engendram esta luta de classes entre o capital e o trabalho.

É levando em conta, então, o sujeito como histórico, social, dotado de consciente e constituído nas relações sociais, que Pêcheux fundou a Análise do Discurso na França, em meados de 1960. Os discursos são analisados historicamente com relação a sua força, aos seus interesses, às posições-sujeito de quem os produz.

Para a Análise do Discurso, “o sujeito (...) é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua situação no discurso” (ORLANDI, 2001, p. 99). Há uma distinção necessária entre sujeitos empíricos e sujeitos discursivos, porque essa projeção-material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discursiva).

No estudo dos processos discursivos, há que se levar em conta o momento histórico de sua produção e a memória que eles convocam, pois nenhum discurso surge do nada, mas de um trabalho sobre outros discursos com quem dialoga, reiterando, discordando, polemizando. O discurso é, pois, “práxis humana que só pode ser compreendida a partir do entendi-

mento das contradições sócias que possibilitam sua objetivação” (MAGALHÃES, 2003, p. 75). Assim, todo discurso tem a ver com o tipo de relação do sujeito no processo de produção da vida em sociedade, pois “[...] o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social e intelectual, em geral” (MARX, 1983, p. 24). Nesse sentido, “[...] as relações de produção e a estrutura sociopolítica que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre os indivíduos. [...] Os sentidos do discurso são determinados pela situação social mais imediata que, por sua vez, resulta do meio social mais amplo”. (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 1981, p. 42-43). É a partir dessas contribuições que, 40 anos depois, Michel Pêcheux cunha a categoria Condições de Produção do discurso.

As Condições de Produção do discurso, “(...) compreendem os sujeitos em suas relações (amplas e estritas) e uma memória discursiva.” (MELO; CAVALCANTE, 2015, p. 66). As condições amplas de produção “incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2005, p. 30), que interferem nas condições estritas, ou seja, nas condições imediatas que engendram a produção de discursos. Esta categoria é essencial no entendimento de como os discursos se constituem e como atuam na realidade – como transformação ou estabilização da realidade em que são produzidos. No estudo dos processos discursivos, há, pois que se levar em conta o momento histórico de sua produção e a memória que eles convocam.

### 3. Os protestos de junho de 2013 no Brasil

O cenário político-ideológico que o Brasil vive atualmente não caiu do céu de repente; resulta de um processo de construção histórica e vem-se articulando, esperando o momento oportuno para sua irrupção. Entendemos que os protestos de junho de 2013, no Brasil, dão início a um retrocesso político ideológico que tem continuidade no golpe parlamentar que destituiu a presidenta Dilma Rousseff e culmina com a eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência da República. Por isso, é necessário conhecer mais profundamente estas manifestações e os discursos sobre elas, pois temos, pelo menos, duas perspectivas que caracterizaram esses movimentos de 2013: a) eles constituíram um marco divisor de águas de um novo momento que o Brasil passou a viver; b) este acontecimento histórico teve uma grande repercussão tanto nacional, como internacionalmente e foi matéria de várias revistas e jornais dentro e fora do país, o que já o legitima como um dos grandes momentos históricos do início do século XXI.

No momento da irrupção das manifestações, o Brasil vivia treze anos de governo com o Partido dos Trabalhadores (PT) à frente da Presidência da República. Havia um nítido choque de interesses entre os partidos políticos, tanto na base aliada do governo, como nos partidos de oposição. A mídia impressa e, principalmente, a revista escolhida, posicionava-se politicamente representando a oposição ao governo do PT.

Nesse sentido, antes de analisar a materialidade discursiva que constitui nosso corpus, entendemos ser necessário situar as condições sócio-históricas e ideológicas que possibilitaram seu surgimento (condições amplas) e as condições imediatas (estritas) que engendraram os discursos.

Quanto às condições amplas, há que se considerar a crise estrutural do Capitalismo, que desencadeou novos rearranjos políticos e econômicos que garantissem a manutenção da dominação econômica, via novas orientações do FMI e do Banco Mundial, orquestradas no consenso de Washington. Essa reorientação resultou na implantação das políticas neoliberais. No Brasil, essas políticas se consubstanciaram, segundo Cavalcante e Machado (2015, p. 127), na institucionalização da autocracia burguesa, do governo FHC e no social liberalismo ou num “reformismo sem reformas” dos mandatos do PT, caracterizados pelo ‘pacto de classes’, em sintonia com os processos políticos que marcaram o ciclo de ‘governos de esquerda’, no início do século XXI, na América Latina.

Já as condições estritas de produção dizem respeito ao contexto imediato e, nesse caso, temos o final do primeiro mandato da presidente Dilma, eleita em 2010, substituindo o presidente Luís Inácio Lula da Silva, após um mandato de duas gestões. Nesse período, o Brasil apresentou uma considerável redução da inflação, que foi mantida até a primeira gestão do governo Dilma, quando o referido “pacto de classes” começa a dar sinais de esgotamento. Isso é motivado, segundo Cavalcante e Machado (2015, p. 128), pela crise econômica internacional, que impõe a redução das taxas de crescimento do país, criando dificuldades para persistir na conciliação do discurso ‘desenvolvimentista’ com a prática neoliberal, o que implica impedimento da manutenção das políticas compensatórias.

Como consequência, vivia-se um cenário de pouco investimento nos serviços públicos como: educação, saúde e transporte público. Enquanto isso, investiam-se grandes somas na preparação do evento da Copa das Confederações e da Copa do Mundo de Futebol, que ocorreria no Brasil, no ano de 2014.

Ainda sobre as condições estritas, os protestos ocorreram em muitas cidades do Brasil, mas a reportagem em tela só foi publicada uma semana após o primeiro grande protesto na cidade de São Paulo (ocorrido em 13 de junho de 2013). Na verdade, os protestos contra o aumento das tarifas de ônibus já vinham ocorrendo desde 2012, em Salvador, Rio de Janeiro e Natal, com grupos menores de participantes e sem muita atenção da mídia televisiva e impressa.

Os referidos protestos contra os aumentos das tarifas de ônibus, que já ocorriam, ajudaram a criar um movimento urbano, dito não-partidário - mas não anti-partidário - nomeado Movimento Passe Livre (MPL), surgido em 1999, em Florianópolis, que nasceu entre os estudantes e pessoas comuns, dando voz aos que se mostravam contrários aos aumentos das passagens e que tinham como bandeira a tarifa zero para todos os brasileiros.

Para situarmos as Condições de Produção desta materialidade, é preciso pensar que há memórias históricas na constituição e formação ininterrupta de informação nos meios de comunicação, que são decisivas para o papel da imprensa, que funciona como uma disciplinadora social de saberes, ao realizar a formulação, a circulação e a manutenção dos discursos, de acordo com a formação discursiva na qual se insere.

Os referidos protestos envolveram variados sujeitos: a juventude estudantil, donas de casa, militantes, estudantes-trabalhadores:

[...] as manifestações se ampliaram e se tornaram policlassistas, com setores da classe média conservadora; setores aparentemente apolíticos; setores mais politizados; setores da periferia, como o Movimento Periferia Viva e dos trabalhadores Sem Teto (...), além do novo proletariado de serviços (...) (ANTUNES, 2014, p. 27-28).

Dito isto, passamos a analisar os mecanismos do funcionamento discursivo que revelam as posições-sujeito assumidas pela revista *Veja* acerca dos protestos.

## 4. Discurso e mídia: direcionamento de sentidos e contradições na revista *Veja*

Ao analisarmos as materialidades dessa reportagem sobre os protestos, destacamos a necessidade de compreender os componentes da linguagem visual como operadora de discursos. Dessa forma, entendemos que as imagens são carregadas de sentido. A imagem veiculada como capa desta revista nos mostra uma jovem envolvida numa canga de praia com o desenho da bandeira do Brasil, andando pela rua, após um protesto que aconteceu no Rio de Janeiro, no dia 20 de junho de 2013. Ao fundo, temos a impressão de que há uma barricada de madeira e que há fogo por trás dela, mas ao mesmo tempo, a foto passa a sensação de que está tudo tranquilo, tudo sob controle.

Tão tranquilo que permite que esta jovem caminhe, quase passeie pelas ruas, após se manifestar por seu país, numa postura nacionalista ou quase mesmo ufanista.<sup>2</sup>

### IMAGEM DA CAPA

O título da capa, “Os sete dias que mudaram o Brasil”, através do movimento interdiscursivo, evoca a memória do acontecimento histórico da Revolução Russa descrito na obra *Dez dias que abalaram o mundo*, de John Reed (1976) que trata da Revolução Russa, que culminou com a derrubada do poder czarista, em outubro de 1917. Sobre ela, o autor declara: “foi uma aventura, das mais maravilhosas em que jamais participou a humanidade, tendo penetrado na história à frente das massas proletárias e escorando tudo nos seus desejos vastos e simples”, (REED, 1976, p. 10-11), dando-nos, já neste prefácio, a dimensão do que iríamos encontrar no interior da obra.

Figura 1: Os sete dias que mudaram o Brasil

Fonte: Revista *Veja*, edição 2327, ano 46, nº 26, de 26 de junho de 2013.

---

2 Hoje, essa imagem produz outros sentidos.



Mais adiante, neste mesmo prefácio, o autor afirma: “é inegável que a Revolução Russa é um dos maiores acontecimentos da história humana e o surgimento dos bolcheviques um fenômeno de importância mundial” (REED, 1976, p. 11).

Sabemos da importância e magnitude da Revolução Russa. À primeira vista, pode parecer desproposital a relação que a *Veja* estabelece entre os protestos de junho de 2013 e este momento histórico. Entretanto, mediante a condução dada por esta edição, é possível pensar que é com esta reportagem, já a partir da imagem da capa, que a *Veja* inicia todo um processo de convencimento ideológico para a derrubada do poder no Brasil (como aconteceu na Rússia) quando os revolucionários ocuparam as ruas. Só que, ao contrário do que ocorreu lá, em 1917, aqui, quem está no governo é um partido de esquerda - o PT - e são os interesses de direita que querem vê-lo afastado do poder.

O que percebemos na continuidade desta reportagem é a responsabilização da gestão de Dilma Rousseff pelos protestos, denunciando, em seu discurso, os problemas de governo que supostamente estariam passando a presidenta e sua equipe.

A foto em análise foi fotografada no lado externo do Palácio Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, situado em Brasília. Ela registra o momento em que os manifestantes tentaram entrar em seu interior e, reprimidos pela polícia, se espremem uns por cima dos outros, caem ou se jogam no espelho d'água, em frente ao Palácio. A foto é composta pela imagem e pelo *lead*, que confirma a intenção da revista em distorcer os fatos, manipulando o leitor e canalizando os acontecimentos para outros

interesses, fazendo a conexão entre os protestos e um descontentamento do povo com o governo da presidenta petista.

## IMAGEM DE ABERTURA DA REPORTAGEM

Figura 02 - Imagem de abertura da reportagem “Os sete dias que mudaram o Brasil”

Fonte: Revista Veja, 26 de junho de 2013, ano 46, nº 26, p. 60-91

Vejamos alguns enunciados do *lead*:



A. “Quando se espalhou por São Paulo o protesto contra o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus, *todo mundo* sentiu que a coisa era bem maior. *Tão maior, mais inebriante, mais mobilizadora, mais assustadora e mais apaixonante* que, em uma semana, multidões bem acima de 1 milhão de pessoas jorraram Brasil a fora na histórica noite de quinta-feira” (grifo nossos).

O emprego da expressão *todo mundo* não foi feito a esmo, pois como nos diz Pêcheux (2009), esta evocação faz com que nos sintamos parte do que está sendo dito para que haja um processo de identificação do sujeito-leitor. Assim, mediante o uso da expressão *todo mundo*, instaura-se um processo de homogeneização, cujo objetivo é silenciar as contradições sociais, produzindo efeito de sentido de adesão de toda sociedade – *todo mundo* - à causa. Acrescente-se a isso a adjetivação atribuída aos protestos pelo enunciante - *Tão maior, mais inebriante, mais mobilizadora, mais assustadora e mais apaixonante* que, em uma semana, multidões bem acima de 1 milhão de pessoas jorraram Brasil a fora na histórica noite de quinta-feira” (Grifo nosso). A partir desses índices avaliativos, fica patente a posição da revista em relação aos protestos (até esse momento).

B. “*Todos os parâmetros* comparativos anteriores, como Diretas Já e Fora Collor, *empalideceram diante do abismo aberto* entre os representantes dos poderes, de um lado, e o poder dos que se sentem mal representados, de outro” (grifo nosso).

Também nessa materialidade discursiva estabelece-se uma compara-

ção entre grandes manifestações – “Diretas Já” – que em plena ditadura, foi às ruas reivindicar o retorno das eleições Diretas e o “Fora Collor”, que culminou com o *impeachment* do então presidente Fernando Collor. A metáfora criada pelo significant abismo, no qual de um lado estão os representantes do governo – fraco, atemorizado - e de outro os que se sentem mal representados – fortes – sugere que os que se sentem mal representados constituem a maioria, silenciando assim o processo democrático legítimo pelo qual a presidente chegou ao poder, logrando a maioria dos votos. Na perspectiva da Análise do discurso, a política do silêncio é definida “[...] pelo fato de que ao dizer algo, apagamos outros sentidos possíveis, mas indesejáveis em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 1993, p. 75). Assim, vai-se construindo um discurso cujo direcionamento é reiterado na sequência seguinte.

C. “A presidenta *acuada*, as instituições em estado de estupor, os políticos desaparecidos e a turbamulta subindo a *frágil passarela do Itamaraty* criaram outro sentimento estarecedor: *é muito fácil quebrar o vidro que separa a ordem do caos*” (grifo nosso).

O jogo de fraco – representado pelo poder x forte – representado pelos protestos continua. A imagem criada pela expressão *presidenta acuada*, o desaparecimento dos políticos e as instituições paralisadas que servem para compor um quadro de fragilidade do poder constituído: a presidenta – *acuada* – cercada, sem saída, sem armas para lutar; isolada – os políticos desaparecidos; as instituições em estado de estupor – perplexas, sem saber o que fazer. Do outro lado a força da “*turbamulta subindo a frágil passarela do Itamaraty*” e, por fim, a expressão final: ... “*é muito fácil quebrar o vidro que separa a ordem do caos*”. Toda essa caracterização da situação política produz o sentido de um poder fraco, frágil que poderia ser derrubado, bastava que o “povo” assim o quisesse.

## IMAGEM DE ABERTURA DO 2º SUBTEMA DA REPORTAGEM

Figura 03 - Imagem de abertura da reportagem “Os sete dias que mudaram o Brasil”



Fonte: Revista Veja, 26 de junho de 2013, ano 46, nº 26, p. 60-91.

A foto traz estampada, em caixa alta e no topo: *o poder acuado, com a foto do Palácio do Planalto cercada por militares, à noite*. No térreo, aparece a imagem de várias pessoas conversando e transitando, assim como também há policiais militares. No texto do canto inferior direito da foto, mediante a utilização da expressão “O poder acuado” há a indicação de que a presidenta Dilma está isolada, dialogando com a expressão “o poder acuado” e está cercada pela proteção dos militares, observando os protestos pela janela do 4º andar.

A imagem da foto, no entanto, traz uma vertente militar, pois temos o Palácio do Planalto ao fundo e os militares armados em primeiro plano, o que, num rápido olhar, pode parecer que o Palácio foi tomado pelos militares (como ocorreu em 1964) e a presidenta está intimidada, sem conseguir sair.

Apenas quando lemos o comentário da foto da revista Veja, no canto inferior direito, nos damos conta de que os militares estão lá para proteger o Palácio do Planalto.

Ao lermos a *lead*, compreendemos que o sentido construído é o de que a presidenta está perdida, perplexa, pensando no que fará, mediante os protestos que surgem em todos os lugares do país.

Dessa forma, esta foto estabelece uma intericonicidade com a clássica foto dos militares em frente ao congresso no dia do golpe militar:

Figura 04 – Congresso Nacional, em Brasília, em 1964, quando ocorreu o golpe



Fonte: Agência O Globo

## IMAGEM DE ABERTURA DO 8º SUBTEMA DA REPORTAGEM

Figura 05- Imagem de abertura da reportagem “Os sete dias que mudaram o Brasil”

Fonte: Revista Veja, 26 de junho de 2013, ano 46, nº 26, p. 60-91.



Dessa vez, a imagem fotografada é panorâmica e foi tirada do alto da Avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, durante a manifestação que contou com a presença maciça (estimada entre um e três milhões) de manifestantes. Do lado direito da foto, temos um texto verbal, que será analisado aqui, juntamente com a imagem. A reportagem que se inicia na mesma página de sua imagem de abertura, anuncia as mudanças que a revista acredita por que passa o Brasil depois de uma semana de protestos e coloca os partidos de esquerda ao largo desses movimentos e destas mudanças. Acusa o governo federal de corrupção e ineficiência com “gasto público de péssima qualidade, (de) desvio de dinheiro e (de) abuso do poder” (VEJA, 2013, p. 63).

D. “Podem-se passar décadas sem que nada mude, mas uma semana pode concentrar décadas de mudança”. Foi o que se viu no Brasil na semana passada. Quem acha que não mudou em alguma coisa e que o Brasil não mudou passou os últimos dias isolados em uma bolha hermética. Curiosamente, aqueles que mais se enxergam como agentes da mudança, os partidos de esquerda, foram os que mais se viram emparedados pela nova realidade das ruas.

A sequência inicia com uma paráfrase malfeita de uma citação de Lênin. “Podem-se passar décadas sem que nada mude, mas uma semana pode concentrar décadas de mudança” (p. 63). O que Lênin realmente disse foi: “Há décadas em que nada acontece e há semanas em que décadas acontecem”. Essa evocação à memória da Revolução Russa não é aleatória, mas intencional, para levar o leitor a acreditar que: assim como na Rússia, em 1917, os revolucionários derrubaram o poder czarista, aqui no Brasil, após mais de uma década que a esquerda, representada pelo PT, está no poder, os protestos que estão na rua podem derrubar esse poder e fazer tudo “melhor”. Esta comparação superficial, no entanto, silencia que na Rússia os revolucionários não apenas derrubaram o poder, mas também modificaram o modo de produção, inaugurando outra forma de organização das relações de trabalho. Esta não é a única vez, (pois ocorreu em outras edições), em

que a revista vai usar o discurso da esquerda para impressionar, convencer, posicionar seus leitores contra a própria esquerda. No final do texto de onde foi extraída a sequência, a revista coloca uma observação: para quem não é do ramo, a frase que abre este texto é do pai de todas as revoluções, o russo Lênin (p. 63). A materialidade transcrita a seguir reitera o destaque dado à citação de Lênin:

E. “O que as ruas brasileiras abrigaram na semana passada foram multidões de libertários independentes não ideológicos cansados de corrupção e de descaso” (p. 67).

Agora, o sujeito enunciante caracteriza os participantes dos protestos como multidões de libertários independentes não ideológicos. Nessa manobra discursiva, os participantes são apresentados como isentos da qualquer filiação partidária e de ideologia o que é impossível, pois não há prática sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, uma vez que o sujeito sempre se inscreve em uma ideologia, marcando sua posição no discurso. Assim, ao produzir a materialidade discursiva em análise, a revista silencia os interesses políticos e ideológicos dos participantes.

Confirma-se aqui, se havia qualquer suspeita, que o discurso da revista estava voltado para interlocutores não comunistas (quem não é do ramo) ou ainda para anticomunistas, de direita, pois ela opta pela construção de um discurso que coloca com frequência o leitor contra os partidos de esquerda que, segundo ela, é corrupto, ineficiente e oportunista. Como nos diz Orlandi (1983), com relação aos efeitos de sentido, o lugar dos interlocutores significa.

Entretanto, a forma de ver e designar os protestos muda consideravelmente, a partir do momento em que as manifestações assumem um tom agressivo. Nesse caso, as manifestações passam a ser designadas como caos e os militantes de esquerda responsabilizados pelas manifestações de agressividade, atribuindo-se filiação partidária e ideológica dos manifestantes. Isso ocorre, a partir do momento em que, segundo a revista, o ex-presidente Lula diz aos militantes do PT que participem dos movimentos.

## IMAGEM DE ABERTURA DO 8º SUBTEMA DA REPORTAGEM

Figura 06- Imagem de abertura da reportagem “Os sete dias que mudaram o Brasil”



Não foi à toa a escolha desta imagem, que mostra os manifestantes destruindo um veículo blindado da Polícia Militar (PM), acompanhada da expressão ORGANIZADORES DO CAOS em caixa alta, na base da foto e com o lead denominando-os de vândalos, militantes de esquerda, *pitboys* sem causa e anarquistas, demonstrando a posição-sujeito assumida pela revista a respeito dos protestos. Se o leitor estabelecer uma intericonicidade entre esta imagem e a trazida na capa, verá que o efeito de sentido é de que há manifestantes bons, tranquilos (como aquela moça que passeia envolvida na imagem da bandeira do Brasil) e os de má índole, que saem quebrando tudo e promovendo o caos, os *Black Blocs*, que têm origem no PT e no Movimento Anarquista. Não esclarecendo acerca do sentido teórico e político do movimento, a revista reforça o imaginário popular de que anarquismo é sinônimo de falta de organização, bagunça, caos.

A análise desta edição registrou todas as ocorrências para os termos *protestos e manifestantes*. Neste artigo, porém só serão objeto de análise as que tomamos como mais relevantes para o nosso propósito.

Observemos agora as sequências discursivas retiradas do texto da reportagem.

F. “Lula mandou os sindicalistas se fingirem de povo” (p. 63, grifo nosso).

Toda essa sequência merece nossa atenção. Primeiro, o uso do verbo mandar que sugere subordinação, como se todos os sindicalistas obedecessem incondicionalmente ao ex-presidente que, nesse caso, assume a posição de ditador que manda e todos têm de obedecer. Segundo os “sindicalistas se fingirem de povo”. Nesse caso, eles são o quê? Pelo fato de pertencer a um sindicato, cujo objetivo é defender direitos da classe trabalhadora, o sindicalizado deixa de pertencer ao povo? Por aí, percebe-se a intencionalidade da revista de qualificar os sindicalistas como infiltrados, não pertencentes ao povo.

No entanto, sobre pessoas infiltradas nos movimentos, quase um mês depois, alguns jornais publicaram:

[...] a Polícia Militar do Rio de Janeiro resolveu usar policiais da chamada P2 (inteligência da Polícia Militar) infiltrados nos protestos. De acordo com as denúncias trazidas a lume pelos meios de comunicação, a estratégia consistiu em inserir policiais à paisana no meio dos manifestantes não só para informar quem eram os participantes que estavam promovendo atos de vandalismo, como também para atacar outros policiais fardados, no intuito de incitar a violência (LIMA, 2014, p. 10).

Sobre esta informação, a RV justificou que o comando da PM tinha razão em colocar policiais disfarçados para saber quem estava causando tumulto e proteger os demais manifestantes, defendendo que este era um artifício válido e necessário por parte deles. Nem nesta reportagem, nem nas seguintes sobre os protestos, a revista fez menção à acusação de que os mesmos policiais infiltrados incitavam a violência.

O termo *protestos*, agora, é substituído por caos e as designações “revolucionários” “cidadãos libertários”, antes atribuídas a todos os participantes, agora, referem-se a apenas um grupo. Os participantes dos protestos agora estão divididos em dois grupos: os do bem, que estão reivindicando

direitos e os mascarados anarquistas (intitulados posteriormente de *Black Blocs*) que só querem quebrar tudo. Esta posição-sujeito da RV será adotada a partir desta edição e seguirá por todas as subsequentes.

G. “Esqueçamos os *vândalos* e os *anarquistas*, gente que não estava lutando por um governo melhor, mas por governo nenhum - o que é uma estupidez. A revolução verdadeira foi a que começou a ser feita pelos brasileiros que foram às ruas protestar por estar sendo mal-governados” (p. 67, grifo nosso).

H. “Entre os *vândalos* que macularam os protestos há desde militantes de esquerda até *pitboys* sem causa, mas são os *anarquistas* que incitam o *quebra-quebra*” (p. 88, grifo nosso).

I. “A tática de acender a fagulha do *vandalismo* e depois se retirar ou se misturar à *multidão pacífica* é conhecida como *Black Bloc* (bloco negro, em inglês), e foi aperfeiçoada nos anos 90 por anarquistas europeus. O que vale para os integrantes do *Black Bloc* é *empurrar as massas para o comportamento irracional*, mas eles próprios fazem isso de maneira calculada, descrita em manuais e combinada de antemão em reuniões restritas ou pela internet” (Grifo nosso).

Como podemos constatar, dando prosseguimento à análise, na seleção feita nestas materialidades para denominar os manifestantes, é notório o tom discriminador, preconceituoso, com informações pouco profundas sobre os jovens manifestantes que atacam lojas, bancos, concessionárias de carros, enfim, qualquer símbolo que represente o capital. A revista os designa como intrusos, vândalos, anarquistas, militantes de esquerda, *pitboys* sem causa, bando, horda, arruaceiros. Também as imagens criadas pelo discurso da revista são bastante parciais:

Na sequência G, a revista convoca os leitores a esqueceram os maus manifestantes (ou seja, os mascarados) e se *aterem à verdadeira revolução que está ocorrendo nas ruas conduzida por pessoas que se acham mal-governadas pelos políticos* (Grifo nosso).

Ao designar a “revolução que está ocorrendo nas ruas, conduzida por pessoas que se acham malgovernadas” de “verdadeira”, fica implícito que existem dois tipos de revolução – uma verdadeira e uma falsa. Silencia-se assim o sentido de revolução que significa ruptura. Para Marx, (2001) só se pode falar de revolução quando ocorre uma ruptura com a velha ordem política, social e econômica e, em seu lugar, são estabelecidos novos padrões de relações sociais que têm por princípio assegurar a liberdade e a igualdade social entre os homens. Logo, os “bons manifestantes” que foram às ruas protestar contra o governo Dilma não querem romper com a velha ordem política; ao contrário, querem o retrocesso para garantir suas vantagens, através da exploração da classe trabalhadora.

Na sequência H, a revista falando dos vândalos que “macularam os protestos” insere nessa categoria “desde militantes de esquerda até *pitboys* sem causa, mas são os anarquistas que incitam o *quebra-quebra*.” (p. 88).

O processo de desqualificação dos “maus participantes” que “macularam os protestos” continua na sequência I. “A tática de acender a fagulha do vandalismo e depois se retirar ou se misturar à *multidão pacífica* é conhecida como *Black Bloc*.”

Temos aí a definição mais simplista e equivocada que alguém pode dar

ao que seja a tática *Black Bloc*.

Como podemos perceber, a RV desconsidera a tática *Black Bloc* e sua história. Esta tática, originalmente alemã, consistia “na constituição de linhas de frente para enfrentar a repressão policial e na organização de cordões de isolamento para impedir a infiltração de agitadores nas passeatas” (ORTELLADO, 2014, p. 281). A tática que eles seguiam era a de bloquear ruas e praticar resistência passiva, à luz de Gandhi e Martin Luther King Jr. Segundo o mesmo autor, isto era assim nos anos 1980, mas no final dos anos 1990, por conta de haver discordâncias quantos aos resultados pretendidos e a resistência não violenta, pois não havia cobertura da imprensa sobre a violência policial e, por isto mesmo, não se tinha como gerar efeitos políticos favoráveis às reivindicações dos manifestantes, a tática *Black Bloc* ressignificou-se e passou a ser:

(...) uma modalidade de desobediência que era a destruição seletiva de propriedade privada. O objetivo era duplo: por um lado, resgatar a atenção dos meios de comunicação de massa; por outro, transmitir por meio dessa ação de destruição de propriedade uma mensagem de oposição à liberalização econômica e aos acordos de livre-comércio (ORTELLADO, 2014, p. 284).

Nesta mesma obra, o autor esclarece:

[...] ao contrário do que normalmente se pensa, essa ação não apenas não é violenta como é predominantemente simbólica. Ela deve ser entendida mais na interface da política com a arte do que da política com o crime. Isso, porque a destruição de propriedade a que se dedica não busca causar dano econômico significativo, mas apenas demonstrar simbolicamente a insatisfação com o sistema econômico. Há, obviamente, uma ilegalidade no procedimento de destruir a vitrine de uma grande empresa, mas é justamente a conjugação de uma arriscada desobediência civil e a ineficácia em causar prejuízo econômico à empresa ou ao governo que confere a essa ação seu sentido expressivo ou estético, num entendimento ampliado (ORTELLADO, 2014, p. 284).

Segundo Pêcheux (2014), a posição-sujeito se define como a posição que cada sujeito assume, devido à identificação que se dá entre o sujeito da enunciação e uma formação ideológica. “As Formações ideológicas são representadas pela via de práticas sociais concretas no interior das classes em conflito, dando lugar a discursos que põem à mostra as posições em que os sujeitos se colocam/são colocados”. (FLORENCIO, 2016, p. 68.) Não há, pois discurso neutro ou inocente, uma vez que ao produzi-lo o sujeito o faz a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica e, assim, veicula valores, crenças, visões de mundo que representam a posição que ocupa.

A partir dessas considerações, podemos afirmar que a posição-sujeito assumida pela revista é a posição da classe dominante que, sentindo-se ameaçada em seu poder de exploração e de acumulação do capital usa seu poder de influência para convencer a sociedade da necessidade de derrubar uma presidenta legitimamente eleita pela maioria.

## 5. Considerações Finais

Assim, podemos afirmar que, na reportagem analisada, a revista Veja construiu um discurso sobre as manifestações de junho de 2013 de acordo com

seus interesses, direcionando esse discurso ora para defender a legitimidade dos mesmos, ora para desqualificar e criminalizar grupos de manifestantes de esquerda que, na opinião da revista “macularam” os referidos protestos, de acordo com sua avaliação.

Também foi possível observar, na posição assumida pela revista, um discurso que distorceu ou simplificou alguns fatos que fizeram parte dos movimentos dos protestos com relação aos anarquistas e *Black blocs*, quais os seus objetivos e quais são as razões para este tipo de intervenção ocorrer no Brasil. Silenciou outros como as infiltrações de policiais militares nos movimentos para incitar a violência; manipulou os fatos quando diz que o MPL saiu dos movimentos porque tornou-se irrelevante em poucos dias e apropriou-se de discurso de posições que não são as suas para persuadir o leitor.

O discurso da Veja quanto ao uso da bandeira do Brasil nos protestos (representando a classe média) em contraposição às bandeiras vermelhas também fabricou a ideia de divisão política e social do país em que aparecem de um lado os patriotas, militantes de direita (apelidados de coxinhas) e do outro, os militantes de esquerda (apelidados de *petralhas*)<sup>3</sup>. Isso resultou, nos anos seguintes, num forte confronto entre estes dois grupos, depois da reeleição da presidenta Dilma Rousseff em 2014, quando a direita conseguiu arregimentar forças, culminando no golpe que depôs a presidenta em 2016.

As designações dadas a *protestos e manifestantes* por parte da RV variaram, de acordo com os seus interesses, mas de maneira geral, elas apontaram para a valorização negativa dos termos, quando se tratava de protestos e manifestantes que se insurgiam contra o capitalismo nas ruas das grandes cidades.

Dessa forma, os efeitos de sentido dessa publicação midiática impressa caminharam na direção de escamotear, distorcer, iludir o leitor sobre a verdade dos fatos, insurgindo-os contra a presidenta em exercício e o Partido dos Trabalhadores.

## Referências

AGÊNCIA O GLOBO. Congresso Nacional, em Brasília, em 1964, quando ocorreu o golpe. 1964. Fotografia. In: **55 anos do golpe militar de 1964**. G1 [online]. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/31/55-anos-do-golpe-militar-de-1964.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2022.

ANTUNES, R. As rebeliões de junho de 2013. In: SAMPAIO JR. P.D.A. (org.) **Jornadas de junho - a revolta popular em debate**. São Paulo: ICP, 2014.

BECK, M.; ESTEVES, P. M. da S. O sujeito e seus modos - identificação, contra identificação, desidentificação e superidentificação. In: **Revista Leitura**, n. 50. Maceió: Edufal, jul./dez, 2012.

BOONE, A.; JOLY, A. **Dictionnaire terminologique de la systématique du langage**. Paris: L'Harmattan, 2011.

BRAGA, R. As jornadas de junho no Brasil: crônica de um mês inesquecível. In: SAMPAIO Jr., P. de A. **Jornadas de Junho: A revolta popular em debate**. São Paulo: ICP, 2014.

CABRAL, O. et al. Os sete dias que abalaram o Brasil. In: **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril, 26 de junho, edição 2327, 2013.

CAVALCANTE, M. do S. A. de O.; MACHADO, F. D. A ideologia em Lukács: contribuições para os estudos do discurso. In: CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. **Linguagem, Discurso, Ideologia e materialidade dos sentidos**. Maceió, Edufal, 2015.

FLORENCIO, A. M. G. et al. **Análise do discurso: procedimentos & prática**. Maceió. Edufal, 2016.

MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo. Ed. Martim Claret, 2001.

MELO, K. M. S. de; CAVALCANTE, M. S. A. O. O discurso sobre a educação pública em Alagoas: história, memória e processos de ressignificação. In: CAVALCANTE, M. S. A. O. (Org.). **História e política da educação: teoria e práticas**. Maceió: Edufal, 2015.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ORLANDI, E. P. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, C. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital** [online]. Série e-urbano. v. 2, 2013. Disponível em: [https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/volumeII/arquivos/pdf/eurbanoVol2\\_EniOrlandi.pdf](https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/volumeII/arquivos/pdf/eurbanoVol2_EniOrlandi.pdf). Acesso em: 27 out. 2022.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Editora Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORTELLADO, P. O Black Bloc e a violência. In: SOLANO, E.; MANSO, B. P. e NOVAES, W. **Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc**. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

PÊCHEUX, M. Ousar pensar e ousar se revoltar: Ideologia, Marxismo e Luta de Classes. Campinas, SP: **Revista Decaláges**, Anpoll, v. 1, n. 4, 2013.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. 4.

# **Leitura**

Nº 76 Ano 2023

ed. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2009.

REVISTA VEJA. **Os sete dias que mudaram o Brasil**, ano 46, nº 26, 26 de junho de 2013.